

SUBSÍDIO PARA IMPLEMENTAÇÃO DA CORRIDA DE ORIENTAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Celestino Celso Medeiros Blaia (PDE – 2008)¹
cmblaia@gmail.com

Wilma Santos de Santana²
wssantana@uel.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o esporte Corrida de Orientação, e busca ser manancial de apoio e pesquisa para professores do ensino fundamental e médio da rede estadual, como também do município, e de pessoas da comunidade que venham a se interessar pelo assunto. Ele tem inicialmente, argumentos de alguns autores, evidenciando algumas etapas que a disciplina Educação Física percorreu na escola, durante as décadas de 1940 a 1980. Vislumbrando a corrida de orientação como uma atividade que possa se revelar um instrumento de inclusão social e de cidadania, dado o seu conteúdo interdisciplinar, alguns temas são abordados mostrando o que a corrida de orientação pode trazer para o incremento das aulas de educação física na escola. A metodologia busca através da pesquisa bibliográfica, subsídios para a implementação do esporte Corrida de Orientação nas aulas de educação física, onde acontece o aprendizado significativo e relevante para o cotidiano do aluno. Por fim, o presente artigo, enumera as potencialidades e a contribuição que a corrida de orientação pode trazer para o pleno desenvolvimento do educando enquanto ser ativo e social, demonstrando que a Corrida de Orientação cresce no universo escolar por sua capacidade de unir sobremaneira aspectos físicos e cognitivos, o que pode possibilitar a participação dos estudantes em condições de igualdade.

Palavras-chave: Formação. Cidadania. Lazer. Participação. Educação. Inclusão.

ABSTRACT

The present article aims to present the Orienteering Race sport, and seeks to be source of support and research for elementary and middle state education teachers, as well as the municipality, and people in the

1 Professor PDE - Graduação Educação Física (UNOPAR), Pós Graduação Ciência do Movimento (IBPEX- UNIBEM), Professor QPM Rede Estadual de Educação

2 Professora do Departamento de Esportes da Universidade Estadual de Londrina - UEL

community that may be interested in the subject. It brings, initially, the arguments of some authors, showing some steps that the physical education discipline drew in school during the decades from 1940 to 1980. Viewing the Orienteering Race as an activity that might prove an instrument of social inclusion and citizenship, given its interdisciplinary content, some issues are discussed showing how much the Orienteering Race contributed to the development of physical education classes in school. The methodology seeks through the bibliographic research, supports to implement the Orienteering Race sport in physical education classes, where happens the significant and relevant student's everyday. Finally, the present article lists the potential and contribution that the Orienteering Race provides for the full development of the students while active and social being, demonstrating that the Orienteering Race grows in the school environment for their ability to unite greatly the physical and cognitive aspects, what may become possible the participation of students on an equality conditions.

Key-words: Training. Citizenship. Leisure. Participation. Education. Inclusion.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como pretexto, servir como subsídio para implementação da corrida de orientação na escola de ensino fundamental e médio. Este trabalho pode servir de material de apoio e de pesquisa para professores da rede estadual, do município e de pessoas da comunidade, que venham a se interessar pelo assunto. Procura ocupar uma possível lacuna existente nas aulas de educação física da escola pública do Paraná, e pensando na melhoria da qualidade do ensino através do incremento de novas propostas, e também na motivação, não só dos alunos, mas de toda a comunidade escolar, é que se faz necessário à realização deste estudo. Podemos dizer que a corrida de orientação não se vale do desempenho, mas sim, da participação.

O aprofundamento na história leva a compreender que a atividade prática do homem, motivada pelos desafios da natureza, desde o erguer-se da posição quadrúpede até o refinamento do uso das suas mãos, foi motor da construção da sua materialidade corpórea e das habilidades que lhe permitiram transformar a natureza. Este agir sobre a natureza, para extrair dela sua subsistência, deu início à

construção do mundo humano, do mundo da cultura. Por isso, “cultura” implica apreender o processo de transformação do mundo natural a partir dos modos históricos da existência real dos homens nas suas relações na sociedade e com a natureza. (ESCOBAR, 1995, p. 93).

Observamos que muitas escolas ainda fazem das aulas de Educação Física meras reproduções de aulas aplicadas em clubes para formação de atletas, tendência que se manifesta desde a década de 40, quando o movimento de massificação do esporte se iniciou, dando prioridade ao esporte nos conteúdos das aulas de Educação Física. (SOARES, 2007).

Esta tendência de esportivizar a Educação Física escolar, esteve muito forte até a década de 80, quando surge uma nova opção que procura entender o homem como ser cultural e que tem no movimento uma forma de expressão e de aprender. Este movimento denomina esta nova área de estudo de cultura corporal. (METODOLOGIA..., 1992).

Pensar a educação física a partir de uma mudança significa analisar a insuficiência do modelo atual, que por muitas vezes não aproveita e valoriza a enorme riqueza das manifestações corporais produzidas socialmente pelos diferentes grupos humanos. Significa reconhecer a gênese da cultura corporal, que reside na atividade humana a fim de garantir a existência da espécie. A mesma está relacionada à vida em sociedade, desenvolvendo-se, inicialmente, nas relações homem-natureza e homem-homem, isto é, pelas relações para a produção de bens e pelas relações de troca.

O desafio para o aluno compreender o que está vivenciando é um dos pontos-chaves para alcançarmos autonomia da prática corporal consciente. Essa autonomia está relacionada à independência do aluno no ato da vivência corporal, quando ele ganha competência para compreender a sua prática. Segundo Lúria (1981, p.191) “consciência é a habilidade em avaliar as informações sensoriais, em responder a elas com pensamentos e ações críticas e em reter traços de memória de forma que traços ou ações passadas possam ser usados no futuro”.

A partir de nossas inquietações, e logo após ter tido contato com a corrida de orientação, pudemos perceber grandes possibilidades de relacionamentos nas mais variadas faixas etárias de alunos, assim como também percebemos uma oportunidade de interdisciplinaridade com outras áreas de conhecimento escolar. Decidimos então, verificar suas aplicações no contexto escolar. Este esporte pode abrir um leque de possibilidades de atuação, tanto de locais como a própria escola, clubes, chácaras, bairros; como de materiais com ou sem bússola, utilizando mapas da cidade, do bairro, planta de um clube; planta baixa da escola. Ou mesmo de participantes, alunos da escola, portadores ou não de necessidades especiais, estudantes mais ou menos hábeis fisicamente, contribuindo assim para os mais novos ideais de educação inclusiva.

Observando tais possibilidades, surge então, a corrida de orientação como uma ferramenta capaz de desenvolver qualidades importantes no processo da formação humana. A partir desta observação nos inquietamos em constatar porque as escolas públicas do estado do Paraná em sua maioria desconhecem esta atividade, principalmente na disciplina de Educação Física, como mais um instrumento na busca pela melhoria na qualidade de vida, não só dos alunos, mas também de toda a comunidade escolar.

Verificamos na pesquisa histórica que já em 1998, a corrida de Orientação foi incluída nos currículos das escolas municipais de Cachoeira do Sul - RS, e na atualidade encontra-se incluído como disciplina em algumas escolas e Universidades, inclusive em nível de pós-graduação na Universidade do Paraná.

A princípio, a modalidade surgiu no meio militar, pelos inúmeros benefícios que este esporte proporciona ao ser humano e a variedade de atributos positivos que se pode alcançar, tais como: adaptabilidade, autoconfiança, autocrítica, coragem, decisão, dinamismo, objetividade, persistência, resistência entre outras. A Corrida de Orientação pode ser utilizada como ferramenta de trabalho pelos professores que utilizando-se dos seus benefícios podem iniciar trabalhos educacionais voltados

para a preservação do meio-ambiente e integração entre as diversas classes sociais. Em ambos os casos, os benefícios se refletem no mínimo na melhoria geral das condições de saúde e física dos alunos. Isso quer dizer que a corrida de orientação se praticada regularmente, pode tornar-se um esporte que auxilia na manutenção da saúde e do bem estar físico, mental e psicológico da pessoa praticante.

Ressaltada a importância do esporte Corrida de Orientação como uma nova possibilidade, ou um novo caminho que pode ser explorado pela Educação Física, apresentamos e discutimos o tema, até chegarmos a propor um subsídio para a implementação do programa na escola, nas aulas de Educação Física.

REVISÃO DE LITERATURA - ESPORTE CORRIDA DE ORIENTAÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

A Orientação, desde sempre foi utilizada em todos os deslocamentos terrestres e marítimos com o objetivo de ir o mais rápido possível de um local para outro (FERREIRA, 1999).

Segundo Palmer (1997) existem registros que indicam a utilização de mapas rudimentares pelos egípcios há 2000 a.C.

Em relação à bússola, embora a sua origem não seja clara, sabe-se que, ela foi utilizada pelos chineses, escandinavos e árabes em tempos muito remotos, havendo indícios do seu surgimento na Europa a partir do século XI. (FERREIRA, 1999).

Como modalidade esportiva, a Orientação, atualmente conhecida como Esporte de Corrida de Orientação, é hoje praticada nos cinco continentes, tendo nascido na Suécia através do Major Ernest Killander em 1918, considerado, portanto o "Pai da Orientação". Preocupado com o desinteresse dos jovens pela corrida, Killander associou ao *cross-country*, a escolha do percurso entre um ponto e outro. Formulou os princípios básicos da competição nesta modalidade, incluindo as regras, os tipos de provas, o critério para escolha dos postos de controle e a forma de como se deve organizar um evento deste desporto. Tratava-se de uma corrida onde os participantes teriam

em seu poder um mapa e uma bússola através dos quais, conheceriam o percurso por onde deveriam passar. Cada ponto a ser visitado, o local da chegada, os obstáculos a serem superados eram descobertos a cada momento durante a execução da atividade, o que a tornava excitante, motivante e com a vantagem de apresentar aspectos sempre diferentes de uma corrida para outra. (PALMER, 1997).

No Brasil, o Esporte de Orientação chega através dos militares que, em 1970, foram à Europa observar as competições de Orientação do CIMS (*International Military Sports Council*). Em 1971, eram realizadas as primeiras competições neste país e, em 1974 foi incluído no Currículo da Escola de Educação Física do Exército e neste mesmo ano surge a primeira publicação técnica brasileira sobre este desporto. Em 1984, foi realizado em Curitiba, o XVII Campeonato Mundial Militar de Orientação que, contribuiu para o desenvolvimento do desporto entre os militares e civis brasileiros. Em 1991, foi fundado o Clube de Orientação de Santa Maria (COSM), iniciando um movimento de expansão por todo o Estado do Rio Grande do Sul e apoiando a fundação de outros clubes. (FERREIRA, 1999).

Somente em 1998, a corrida de Orientação foi incluída nos currículos das escolas municipais de Cachoeira do Sul - RS, e na atualidade encontra-se incluído como disciplina em algumas escolas e Universidades, inclusive ao nível de pós graduação na Universidade do Paraná.

De acordo com a Confederação Brasileira de Orientação (2007), a corrida de Orientação cresce no universo escolar por sua capacidade de unir, sobremaneira aspectos físicos e cognitivos, o que pode possibilitar a participação dos estudantes em condições de igualdade. Pela necessidade de conhecer a leitura precisa do mapa, avaliação e escolha da melhor rota, uso ou não da bússola, concentração sob tensão, tomada rápida de decisão, entre outras.

A apostila de Orientação da Sub-Seção de desportos militares da Escola de Educação Física do Exército insere uma história interessante de um matemático que gostava de corrida rústica. Ele só

tinha aversão ao tempo morto, durante a execução do exercício, que seu cérebro ficava ocioso.

[...] esse esporte, no entanto, passou a ter maior significação quando um corredor de longas distâncias, que era também um matemático, disse certa feita que, antes de começar uma prova de maratona, ele se propunha a resolver um problema de matemática que necessitava de umas três horas de trabalho mental para sua resolução. Desta maneira, tinha certeza de que não se aborreceria com a monotonia apresentada por uma corrida deste tipo. Assim, ele fazia os 42 km da maratona numa atividade completa, ocupando tanto mente como o corpo. (ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, 2000, p. 2).

A Orientação pedestre é uma modalidade de endurance que, envolve grande componente mental e físico (PASINI, 2007). Como o próprio nome sugere, ela é praticada a pé, sendo, portanto, a mais viável para utilização no meio escolar.

Podemos realizá-la correndo ou andando, uma vez que uma boa leitura do mapa e correta utilização da bússola, ou seja, boa orientação fará maior diferença do que o simples condicionamento físico. A Orientação pedestre pode ainda ser realizada em duplas, trios ou equipes, e gerar situações de conflito ou cooperação, o que será matéria-prima para discussão dos trabalhos em grupo. Logo, a corrida de Orientação em termos educacionais, corresponde ao conjunto de ações que visam colocar o esporte a serviço do aluno, direcionando-o a um aprendizado significativo.

Sendo assim, procuramos a melhoria na qualidade do ensino e a motivação do aluno, não importando a performance; mas, sim, a participação, visando a formação do indivíduo para o exercício da cidadania e para a prática do lazer. Já que, a corrida de orientação é um esporte que contribui significativamente para a formação do cidadão, inculcando-lhe princípios éticos e de responsabilidade, desenvolvendo a inteligência, a moral e contribuindo para o aprimoramento físico e da saúde mental.

Na escola, o desenvolvimento da corrida de orientação, pode estar voltado a questões que atendam à participação, onde todos

tenham possibilidade e chances de sucesso. Contextualizando a realidade dos alunos, potencializando seu acervo conceitual nas diferentes áreas do saber e lazer, conscientizando-os para o uso do seu tempo em atividades que lhes permitam prazer, repouso e crescimento cultural. A corrida de orientação pode ainda propiciar o desenvolvimento do trabalho em equipe, seja durante a execução da corrida ou, em última instância, posterior à sua execução na forma de grupos de discussão e avaliação. Em suma, é necessário estar atento também à motivação para a atividade, Há que se ter claro que a rotina, sem diferencial, que não estimule os alunos está fadada à desmotivação, ao desinteresse ou à falta de dedicação plena ao participar.

CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física como componente curricular tem procurado desenvolver uma prática corporal que possibilite ao indivíduo ser educado para a vida. No sentido de favorecer-lhe a descoberta de múltiplas possibilidades de se expressar corporalmente, de forma crítica, no mundo. (FREIRE, 2003).

Explicando melhor, devemos partir da idéia de que o mundo é explorado pelo indivíduo através do seu corpo. Pouco a pouco, ele vai interagindo com os diferentes símbolos e decifrando-os a seu modo, e dentro das suas possibilidades. Isso nos leva a entender que a Educação Física deve organizar programas que compreendam os indivíduos como seres holísticos, pois não pode haver uma educação corporal sem a participação do intelecto, da mesma forma não se pode compreender a educação intelectual sem a participação corporal.

Observando a disciplina Educação Física no ensino fundamental e médio, nota-se que, a predominância dos conteúdos está relacionada aos esportes de quadra: Voleibol, Handebol, Futsal e Basquetebol. Estes tem grande popularidade, em grande parte devido à mídia, ou são os mais conhecidos e, portanto, culturalmente aceitos.

A segunda dimensão da crítica diz respeito à função do esporte que acontece na escola, sustentando-se, por um lado na ideia de que o esporte que acontece na escola está a serviço da instituição esportiva, na revelação de atletas, constituindo-se na base da pirâmide esportiva e, por outro lado, na dimensão axiológica, nos valores que ele transmite, perpassa e constrói. A escola, por meio da educação física, estaria assumindo os códigos, sentidos e valores da instituição esportiva. (ASSIS, 2005, p. 16).

Porém, no cotidiano da Educação Física, os conteúdos sempre por inúmeros motivos foram mais diversificados enquanto manifestação corporal, mas, sempre procurando atender a um anseio que a realidade social do momento exigia para esta disciplina reproduzir, juntamente com todas as outras disciplinas da escola. Como afirma Paulo Freire (1996), a educação nunca estará neutra no processo de formação, ela atenderá sempre a um propósito dentro da sociedade.

[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. (FREIRE, 1996, p. 98).

A partir da década de 80, surge uma nova concepção de Educação Física, que vem para romper com essa reprodução do esporte competição dentro da escola, questionando qual a importância para a formação do aluno desta abordagem, de treinamento precoce de atletas na escola. Esta corrente propunha-se a utilizar o esporte como uma rica forma de transformar o aluno. A ideia era utilizar não o jogo pelo jogo, mas sim, contextualizá-lo, destacando sua relação com a estrutura social, e, fazendo o aluno, a partir daí, poder criticar a sua realidade.

O esporte institucionalizado não pode representar o único recurso metodológico que a Educação Física escolar tem; o homem é um ser cultural, e este, tem um repertório corporal capaz de jogar, dançar, lutar, brincar... a atividade na educação física por sua vez, deve

então, considerar as potencialidades deste homem, deve permitir reelaboração de normas, aprendizado e questionamentos.

Como referencial para a sistematização das aulas da disciplina Educação Física, nos voltamos para as diretrizes curriculares estaduais do estado do Paraná (DCEs), que auxiliam com questões e objetivos que devem ser abordados durante o tempo escolar.

Nestas Diretrizes Curriculares, os Conteúdos Estruturantes foram definidos como os conhecimentos de grande amplitude, conceitos ou práticas que identificam e organizam os campos de estudos de uma disciplina escolar, considerados fundamentais para compreender seu objeto de estudo/ensino. Constituem-se historicamente e são legitimados nas relações sociais.

Os Conteúdos Estruturantes da Educação Física para a Educação Básica devem ser abordados em complexidade crescente, isto porque, em cada um dos níveis de ensino os alunos trazem consigo múltiplas experiências relativas ao conhecimento sistematizado, que devem ser consideradas no processo de ensino/aprendizagem.

A Educação Física e seu objeto de ensino/estudo, a Cultura Corporal, devem, ainda, ampliar a dimensão meramente motriz. Para isso, podem-se enriquecer os conteúdos com experiências corporais das mais diferentes culturas, priorizando as particularidades de cada comunidade.

A seguir, cada um dos Conteúdos Estruturantes será tratado sob uma abordagem que contempla os fundamentos da disciplina, em articulação com aspectos políticos, históricos, sociais, econômicos, culturais, bem como elementos da subjetividade representados na valorização do trabalho coletivo, na convivência com as diferenças, na formação social crítica e autônoma. (PARANÁ, 2008, p. 62-63).

Analisando a proposta apresentada pela DCEs para a disciplina Educação Física, nota-se que, o conteúdo da educação física pode e deve ser meio de transformação do aluno em um cidadão crítico ao fim do período. Para tanto é preciso romper com o modelo de esporte institucionalizado, repensando o modelo de aula atualmente

empregado, para que estas sejam mediadoras da aprendizagem destes objetivos que vão além do simples jogar, correr, dançar ou lutar.

Os valores que privilegiam o coletivo são imprescindíveis para a formação do humano o que pressupõe o compromisso com a solidariedade e o respeito, a compreensão de que o jogo se faz a dois, e de que é diferente jogar com o companheiro e jogar contra o adversário. (METODOLOGIA..., 1992, p.71).

Sendo assim, sugere-se uma abordagem que privilegie o esporte da escola, e não somente o esporte na escola. Isso pressupõe que as aulas de educação física sejam espaços de produção de outra cultura esportiva, de ressignificação daquilo que Bracht (2005) denominou como “esporte moderno”, isto é, a expressão hegemônica atual do esporte competitivo e auto rendimento, espetacularizado e profissionalizado.

O grande desafio da educação física na escola pode e deve ser o de promover aprendizado significativo e relevante para o aluno enquanto ser social, na direção de promover aprendizado significativo e relevante para o cotidiano do aluno.

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. (MORIN, 2000, p. 36).

Deste modo, podemos dizer que os conteúdos sejam mais importantes do que os objetivos elencados para a formação do aluno. Sendo assim, é prudente que os educadores repensem a forma de tratar os conhecimentos dentro da escola.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2000, p. 39).

É de relativo conhecimento, que, além do sistema educacional estar “viciado”, tem o agravante da acomodação de uma minoria de professores, enquanto oferecer e buscar novas possibilidades para mediação deste conhecimento com o aluno. A Educação Física na escola, deve procurar desenvolver uma prática corporal que possibilite ao indivíduo ser educado para a vida, no sentido de favorecer-lhe a descoberta de múltiplas possibilidades de se expressar corporalmente, de forma crítica, no mundo.

PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NA APRENDIZAGEM

O processo de aprendizagem pode ser definido de forma sintética como o modo como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Uma mudança relativamente durável do comportamento, de uma forma mais ou menos sistemática, adquirida pela experiência, pela observação e pela prática motivada. (VYGOTSKY, 1993).

Motivado, o indivíduo se acerca de uma atitude ativa e empenhada no processo de aprendizagem, e dessa maneira assimila melhor. Daí, conclui-se que, as atividades escolares devem atender a este apelo. Atividades monótonas, rotineiras e sem apelo motivacional, ou seja, que não “provoquem” os alunos, tendem a ser mais dificilmente compreendidas.

O aluno conquista a liberdade para organizar a sua atividade, distante das regras que são impostas socialmente. A sua movimentação corporal passa a fluir de forma livre, e ele vai negociando consigo mesmo até onde quer ir, como e por quê. É uma trilha imaginária construída ao sabor dos seus interesses, desejos e necessidades. É o espaço em que o sujeito desprende-se de um cotidiano cercado de normas e regras construídas desde a sua chegada ao mundo. Ele acaba descobrindo essa brecha que lhe permite transitar pelo mundo lúdico e depois retornar ao seu cotidiano.

Tem-se, ainda, como ponto passivo que, o indivíduo desde o nascimento vai ampliando seu repertório e construindo conceitos, em função principalmente do meio que o cerca. Possivelmente estes conceitos são regidos por mecanismos de memória onde as imagens dos sentidos são fixadas e lembradas por associação a cada nova experiência. Os efeitos da aprendizagem são retidos na memória, onde este processo é reversível até certo tempo.

Vygotsky (1993), diz ainda que o pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos, necessidades e interesses. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva. Desta forma, não seria válido estudar as dificuldades de aprendizagem sem considerar os aspectos afetivos e sociais.

Nos estudos de Piaget (1978), o desenvolvimento do pensamento e da inteligência resulta da atividade e da interação que o indivíduo estabelece com o meio, num processo contínuo e ativo, como resposta aos estímulos exteriores. No desenvolvimento da inteligência e do pensamento, Piaget chama a atenção para a atividade da criança sobre o seu meio ambiente, que resulta por um lado, do seu interesse, curiosidade e necessidade de ação, e por outro, das estruturas físicas e psíquicas que possui.

Piaget (1982) afirma que, adquirida a linguagem, a socialização do pensamento manifesta-se pela elaboração de conceitos e relações e pela constituição de regras.

A motivação é afetada por incentivos intrínsecos e extrínsecos (DAVIDOFF, 2001). O indivíduo intrinsecamente motivado é aquele que se relaciona com o objeto sem interferências exteriores. Na educação, provavelmente na maioria dos casos, a motivação extrínseca, conduzida pelo uso de incentivos que não a própria atividade, é mais freqüente e necessária. Isso pode se dar, por exemplo, pela diversificação das abordagens a um tema, quanto mais diferenciadas as tarefas, maior é a motivação e a concentração e melhor decorre a aprendizagem.

METODOLOGIA

Desenvolvemos este projeto através da análise e interpretação de dados obtidos em pesquisa indireta do tipo bibliográfica. Segundo Mattos, Rosseto Junior e Blecher (2004), a pesquisa bibliográfica tem como finalidade, colocar o pesquisador em contato com materiais e informações que já foram escritos anteriormente sobre determinado assunto.

A pesquisa adotou o método qualitativo exploratório, proporcionando maior familiaridade com o problema através de levantamento bibliográfico (RODRIGUES, 2007).

Desta forma, a base desta pesquisa foi o estudo em livros, artigos especializados, dissertações e teses e *Internet*, o que possibilitou o acesso e manipulação de informações relevantes para nossa reflexão sobre as relações entre esporte de orientação e os conteúdos da Educação Física Escolar.

O levantamento bibliográfico específico sobre o esporte de orientação foi feito em bases de dados disponíveis via *Internet*, selecionados apenas os trabalhos dos autores mais relevantes para o tema de nossa pesquisa. Os trabalhos ou documentos acadêmicos sobre este esporte são escassos, sobretudo no Brasil, dada sua difusão pelo mundo. Portanto, o *Google Acadêmico*, e os sites das Federações e Confederações deste esporte foram pesquisados todos por meio eletrônico.

Após o levantamento bibliográfico, o material foi estudado através da realização de fichamentos, que visaram abranger todas as informações relevantes para o estudo da relação entre o esporte de orientação e a aprendizagem na escola, fazendo posteriormente uma síntese das principais ideias de cada texto pesquisado.

Para compreender os dados, fizemos uma análise de todo o material estudado para que pudéssemos obter uma visão global do assunto pesquisado. A partir desta análise pudemos destacar os principais temas abordados pelos vários autores em seus estudos.

O material fichado foi então organizado segundo estes temas, o que nos permitiu cruzar as idéias dos diversos autores em relação a cada tema. Assim, pudemos situar o trabalho de cada autor no contexto mais amplo do assunto que nos propusemos a estudar, associando suas idéias a outras semelhantes.

Por fim, relacionamos as informações dos diferentes aspectos estudados, estabelecendo uma reflexão ampla e integradora. Acreditamos que através de uma pesquisa bibliográfica que agregue os conhecimentos sobre as relações entre esporte de orientação e conteúdos da Educação Física Escolar, estamos disponibilizando um conhecimento que poderá dar suporte a profissionais de educação e de áreas afins, ampliando uma discussão que já existe, além de poder servir de subsídio para implementação da corrida de orientação nas aulas de educação física, pois o material é escasso, porém, o assunto é amplo e de grande interesse para aqueles interessados no estudo deste esporte.

Em sala de aula foram apresentados aos alunos a bússola, o mapa, o picotador, o prisma e o cartão para picotar, como achar o azimute, como se orientar pelo mapa, como descobrir e prosseguir pela melhor rota. Além de esclarecimentos de curiosidades e dúvidas a respeito do esporte de Corrida de Orientação.

Utilizando-se da planta baixa da escola, na qual foram dispostos sete (7) pontos de controles, para que as equipes picotassem o cartão. Tomamos o horário de saída e no fim do percurso o horário de chegada, em que a equipe de forma coesa deveria concluir a prova. Venceu o melhor tempo sem erros nos picotes.

CONCLUSÃO

Pelo seu potencial interdisciplinar, a corrida de orientação pode ser utilizada como ferramenta motivadora não só na educação física, mas também, em outros campos do conhecimento como no aprendizado da latitude, longitude, leitura cartográfica, regras de conservação do meio ambiente, ângulos, cálculos, endurance, força,

velocidade, escalas, vegetação, características do relevo, etc. A corrida de Orientação, por tratar de questões como meio ambiente, saúde e, possivelmente outros temas, pode propiciar dentro da escola, o cruzamento de informações entre áreas que se relacionam ao assunto central, abrangendo uma realidade maior que o simples conceito tratado.

É ele, o aluno, quem toma as decisões durante o jogo, fazendo uso consciente dos objetos, do seu corpo e de suas capacidades, administrando seus próprios recursos para atingir seu próprio objetivo, que pode ser vencer a disputa, ou obter o prazer de descobrir todos os prismas com somente a interpretação do mapa, com ou sem o uso da bússola, tendo para isto feito uso de todos os recursos de que dispõe.

Evidenciamos também, a potencialidade deste esporte para o trato dos conteúdos da educação física. Ao planejar, o professor pode pensar em atitudes, conceitos e procedimentos que levam em conta o aluno como ser integral e não como um mero receptor de conceitos.

Por fim, esta atividade permite sua utilização tanto no contexto do jogo como também do esporte, em contexto recreativo, competitivo e pedagógico. Mas, sua principal característica é a possibilidade de alunos de diferentes níveis escolares ou mesmo de características físicas diferentes, interagirem no mesmo instante por estarem envolvidos não só atributos físicos ou só cognitivos.

Desta forma, fica claro a importância da corrida de orientação e sua implementação efetiva como atividade lúdico-esportiva contribuindo pedagogicamente para o processo de ensino-aprendizagem, na educação física escolar.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Sávio de Oliveira. **Reinventando o esporte** possibilidade da prática pedagógica. 2. ed. Campinas: A. Associados, 2005.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO. **Projeto escola natureza**. Disponível em: http://www.cbo.org.br/site/projetos/20040517_ESCOLA%20NATUREZA.doc. Acesso em: 10 jun. 2009.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

ESCOBAR, Micheli Ortega. Cultura corporal na escola: tarefas da educação física. **Rev. Motrivivência**, Florianópolis, n. 8, p.91-100. 1995.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO. **Apostila de orientação**. [S.l.]: EsEFEx, 2000.

FERREIRA, R. M. F. Orientação na escola: didática da orientação. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1999. n. 32. (Didática em Ciências Sociais e Humanas).

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LÚRIA, A. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP: LTC, 1981.

MATTOS, M. G.; ROSSETO JÚNIOR, A. J.; BLECHER, S. **Teoria e prática da metodologia em educação física**: construindo sua monografia, artigo e projeto de ação. São Paulo: Phorte, 2004.

METODOLOGIA do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PALMER, P. **The complete orienteering manual**. Reino Unido: Crowood, 1997.

PARANÁ. Secretaria da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica educação física** [Curitiba]: [s.n.], 2008.

PASINI, G. **Educação e comunicação**: corrida de orientação. Disponível em: http://www.giovanipasini.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=21&Itemid=31. Acesso em: 20 jul 2009.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Seis estudos de psicologia**. Lisboa: D. Quixote, 1978.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. São Paulo: DIFEL, 1982.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física escolar**: conhecimento e especificidade. Disponível em:
<http://www.usp.br/eef/rpef/supl2/supl2.htm>. Acesso em: 15 maio 2009.

SOUZA, S. A. F. **Projeto político-pedagógico**: historicizando conceitos para deslocar práticas. Disponível em:
<http://www.elton.com.br/ppp.htm>. Acesso em: 18 jun 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: M. Fontes, 1993.